

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT05.006

PROJETO UERÊ: PELAS VOZES INFANTIS NAS MARGENS

Denise Ferreira de Araújo Schittine¹

RESUMO

O projeto Uerê foi o resultado da insistência da socióloga Yvonne Bezerra de Mello de dar voz e levar o aprendizado para crianças em situação de rua. Nos anos 1980, ela começava o embrião dessa ideia, a *Escola sem portas nem janelas* onde ensinava crianças a ler, escrever e se expressar literalmente embaixo do viaduto – nos bairros de Copacabana, Centro (Candelária), Madureira e Meier, no Rio de Janeiro. Sempre levando em conta as dificuldades de aprendizado e problemas cognitivos que crianças vítimas da violência apresentam, Yvonne desenvolveu por volta dos anos 2000 a pedagogia Uerê-Mello. Considerada pela Unicef uma das seis melhores do mundo para ajudar no desenvolvimento de crianças em regiões de conflito, a pedagogia Uerê-Mello se propõe a facilitar a cognição das crianças por meio principalmente da oralidade e das aulas curtas, com cerca quinze minutos alternando o exercício com a fala. Neste processo é fundamental que a criança se torne protagonista das situações e seja capaz de furar os bloqueios cognitivos. Por isso, é uma educação feita nas margens e com a contribuição dessas vozes infantis. A capacitação de profissionais de qualidade para trabalhar com esta pedagogia é feita dentro do Projeto Uerê e exige além dos conhecimentos técnicos, envolvimento e empatia com a situação dos discentes. Atualmente,

1 Doutora pelo Curso de Letras (Literatura Brasileira) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, dschittine@yahoo.com.br e graduanda em Pedagogia pela Unias-selvi.

o projeto funciona na Favela da Maré, uma zona de risco, e se propõe a fazer um complemento do ensino formal das crianças e jovens que frequentam as escolas da comunidade oferecendo reforço para alfabetização, ensino fundamental e ensino médio, programa para jovens e adultos; atividades extras de música, artes, futebol, inglês e informática; e bolsas de estudo que possibilitam aos alunos apadrinhados, com bom desempenho e participação no projeto frequentarem escolas particulares.

Palavras-chave: Projeto social Uerê, Educação a partir das margens, pedagogia Uerê-Mello, Oralidade, Dificuldades de aprendizado.

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro foi caracterizada pelo jornalista Zuenir Ventura como cidade partida em 1994, quando saiu o livro de mesmo nome. Na época, Zuenir fez uma reportagem investigativa e participativa sobre a vida dos moradores de Vigário Geral, comunidade que havia passado pelo trauma da chacina de 21 civis em 29 de agosto de 1993. A foto dos corpos expostos em caixas de madeira diante de uma população abalada e triste pela violência, mas também indignada com uma situação insustentável mostra a realidade violenta de uma cidade aparentemente amigável. O massacre em Vigário geral foi executado por um grupo de policiais encapuzados motivados por vingança pela morte de quatro policiais baleados por traficantes da comunidade. O *Cidade partida* teve uma edição comemorativa de 30 anos recentemente, e a cidade do Rio de Janeiro parece não ter mudado em muitos aspectos. O “morro” e o “asfalto”, as zonas de classe média e alta e as favelas, a cidade dividida em dois e a complexidade socioeconômica do Rio de Janeiro continuam em pauta.

Duas partes, duas metades que pertencem a classes sociais diferentes, grupos culturais diferentes, formas de viver diferentes e, mesmo assim, próximas geograficamente, o que sempre causou (e causa) uma tensão permeada pela falta de diálogo, de entendimento, de acolhimento. Cidade partida é um termo da sociologia urbana que cabe ainda hoje na geografia e nas relações sociais, políticas e econômicas da cidade do Rio de Janeiro. Há instituições, órgãos e pessoas que tentam – ontem e hoje – costurar estes dois pedaços, entender como fazê-los dialogar sem gerar ainda mais violência, mais desigualdade, mais falta de diálogo. Yvonne Bezerra de Mello é uma destas pessoas que, ao longo dos anos, procura criar costuras para evitar que a cidade se torne mais fraturada. Sua experiência como pedagoga fez com que olhasse crianças em situação limite como pessoas que devem ter acesso à educação e a oportunidades.

Desde a década de 1980 ela procura usar a educação como superação da violência com o projeto *Escola sem portas e nem janelas*, uma

escola para acolher e ensinar crianças em situação de rua no ambiente inóspito em que habitam. “Ensinar é uma magia, principalmente num país em que a educação não funciona”, dizia Yvonne numa conferência em 2019 referindo-se aos números que o Brasil apresentava à época nas avaliações internacionais. Avaliações estas que muitas vezes se balizam por marcadores muito diversos e que não levam em conta as especificidades econômicas, políticas e sociais de países em desenvolvimento como o Brasil. Em 2019, o Brasil tinha acabado de passar pela avaliação do Pisa (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes) em 2018 e estava entre os 10 países de pior desempenho em Matemática no ranking mundial do exame aplicado pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). O exame também avalia o desempenho dos estudantes em Leitura e Ciências: “Dois terços dos brasileiros de 15 anos sabem menos que o básico de matemática. Em leitura, os dados do Brasil apresentam estagnação nos últimos dez anos”, dizia a matéria do site *G1*, em dezembro de 2019.

Em 2019, Yvonne Bezerra de Mello, criadora do projeto Uerê, mencionava na palestra *Aprendendo a aprender*, os números preocupantes do resultado do sistema educacional brasileiro “30% dos jovens não alcançam um nível de matemática adequado, e 19% não alcançam o nível de português. 55% dos alunos não aprendem nada, somando mais e 20 milhões de crianças brasileiras”. O abandono escolar era e é uma realidade brasileira que acontece por diferentes motivos, mas um deles é o que merece atenção de Yvonne há 25 anos é as condições socioemocionais das crianças e adolescentes que vivem em situação de risco e violência. Com a ideia de que um educador precisa aprender a ensinar a todos os tipos de inteligência, Yvonne criou a pedagogia Uerê-Mello, uma proposta que leva em conta as condições de risco e trauma existentes em lugares onde a população está exposta a conflitos constantes. Para que estas crianças e adolescentes possam desenvolver suas potencialidades vitais a pedagogia Uerê-Mello

foi construída e fundamentada principalmente na relação que existe entre emoção, mente e memória e acaba atingindo resultado em várias áreas cognitivas, como a da linguagem falada e escrita, da rapidez do raciocínio e lógica do pensamento, da leitura, da concentração e atenção, das associações, do raciocínio analítico e matemático, e do comportamento. (BARCELLOS, 2011, p 13-14)

Yvonne fez parte de seus estudos fora do país, mas esteve sempre próxima de pesquisas que envolviam crianças e adolescentes em situações extremas de conflito e risco. Em 1964, com o golpe militar no Brasil, Yvonne e seu irmão saíram do Brasil e traçaram trajetórias diferentes: ela foi estudar na França e o irmão, nos Estados Unidos. A mãe de Yvonne, Lúcia Antônia Bezerra de Mello, trabalhava na época no gabinete do presidente João Goulart, e achou prudente mandar os filhos para fora do país. Apesar de Lúcia ser funcionária pública, o que dava à família uma situação de classe média, ela criava sozinha os dois filhos e Yvonne precisou requisitar uma bolsa de estudos para entrar na Université Paris-Sorbonne e cursou a faculdade de Filologia, Linguística e Interpretação Simultânea. Em Paris, assistia filhos de imigrantes de várias nacionalidades, dando continuidade ao gosto de fazer trabalho voluntário com o foco em educação adquirido no Brasil.

O desejo de se voluntariar para acolher crianças de outras realidades socioeconômicas tinha o exemplo na mãe, dona Lúcia: “A mamãe uma vez por mês ia à Fundação Romão Duarte [instituição que abriga menores], onde ela tinha uns contatos, e sempre trazia uma criança pra passar um fim de semana em casa. Uma dessas crianças, ela adotou depois”, explica Yvonne numa entrevista concedida à revista *TPM*, em março de 2014. Depois da experiência em Paris no final dos anos 1960, Yvonne viajou para a África onde foi trabalhar com crianças em Angola — depois da independência do país 1978 —, e na Etiópia. Mas sua experiência vinha de antes ainda, aos 13 anos voluntariou-se para ler para crianças cegas no Instituto Benjamin Constant e, um ano depois, aos 14 anos, prestava serviços para o então Instituto Pestalozzi, no bairro do Leme do Rio de Janeiro, atendendo crianças que necessitavam de cuidados especiais. Sua relação

com as crianças em situação de rua, apesar da acentuada diferença social, sempre foi na tentativa de aproximação e acolhimento: “quando eu tinha 17 anos e ia pra universidade, entrei no Projeto Rondon e fui pra Aracati, no Ceará. Fiquei muito sensibilizada com a miséria daquele lugar e ali já entendi que eu queria fazer algo pelas crianças” (ALVES, 2014).

A vontade foi se transformando em ação na volta para o Brasil, em 1980, depois de ter vivido na Suécia por alguns anos e acompanhado o sistema de ensino do país, considerado à época um bastião da social-democracia. Em 1980, quando Yvonne chegou ao Brasil, com três filhos e separada do marido, o país caminhava para uma abertura política, mas as desigualdades eram uma realidade perene. Ela conseguiu o emprego em um banco e passou a dividir seu tempo entre o trabalho, a maternidade e o trabalho com crianças em situação de rua. Surgia o projeto *Escola sem portas e sem janelas*, uma tentativa da linguista de ensinar crianças que viviam embaixo dos viadutos e nos recantos insalubres das ruas cariocas o básico da educação. Yvonne criou grupos de estudos com crianças dos bairros da Candelária, Copacabana, Madureira e Meier, no Rio de Janeiro, e procurava inseri-las na vida escolar de uma outra maneira, uma vez que a situação de vida, social e econômica não as permitia ingressar no tradicional ambiente escolar.

Em espaços inseguros e violentos, ela persistiu prestando assistência às crianças até acontecer um episódio marcante na cidade do Rio de Janeiro: o massacre da Candelária, em 23 de julho de 1993. Um grupo de milicianos atirou contra as pessoas que dormiam nas proximidades da Igreja da Candelária: oito jovens foram assassinados e várias crianças e adolescentes ficaram feridos. Muitos deles eram alunos de Yvonne e um dos sobreviventes teve a coragem de ligar para a educadora e avisar sobre o que estava se passando. Este acontecimento dramático levou Yvonne a abrir sua primeira “sala de aula” — sem portas e sem janelas — debaixo do viaduto perto da antiga estação de trens Leopoldina. Ali ela persistia e ensinava a ler e escrever às crianças da comunidade Coqueirinho, na época com aproximadamente 1200 habitantes. O projeto não convencio-

nal de escola funcionou por quatro anos no mesmo local recebendo uma média de 80 crianças por dia. Sem subvenção, Yvonne oferecia do próprio bolso escolaridade e comida às crianças. Ali começou a testar a pedagogia que começara a desenvolver na África e que teve mais possibilidade de aplicar no Brasil, instituindo assim o esboço do projeto Uerê.

Sua pesquisa inicial foi em seis países africanos que estavam em guerra e ajudou a compor seu trabalho final na Sorbonne: *Problemas cognitivos de crianças e jovens em países em guerra*. Quando visitava as escolas africanas procurava entender que bloqueios emocionais tinham as crianças que viviam em países nos quais a violência é uma constante e de que forma era possível enfrentar esta barreira para destravar as dificuldades de aprendizado provenientes do trauma. A partir daí, Yvonne forjou as bases da pedagogia Uerê-Mello: “desbloquear cognitivamente uma criança que sente fome, apanha e sofre e não consegue aprender”.

Formato: o arquivo deverá ser anexado no **formato PDF**, com tamanho máximo de **2MB**. O uso do papel timbrado da edição atual do evento é obrigatório. O modelo é disponibilizado no site do evento para download. Deixar 01 linha em branco.

METODOLOGIA

A metodologia incluiu um levantamento de artigos em jornais e trabalhos acadêmicos feitos sobre os projeto Uerê a a pedagogia Uerê-Mello nos últimos anos. Precisamente levando em conta os períodos mais críticos do massacre na igreja da Candelária, em 23 de julho de 1993, no Rio de Janeiro, no qual algumas crianças que foram acolhidas pela educadora e filóloga Yvonne Bezerra de Mello morreram. E como, a partir dali, a educadora decidiu criar os contornos de uma pedagogia para que crianças e jovens que acabam bloqueados pela situação de fome, destratos e violência cotidiana sejam capazes de ter acesso aos saberes.

A partir de 1997/1998 com a transferência da comunidade do Coqueirinho e outras comunidades para o Complexo da Maré, Yvonne

passou a acompanhar aquela população primeiro em abrigos da prefeitura e depois em duas casas compradas com o dinheiro doado por um colaborador americano. Começava um árduo trabalho de implantação da pedagogia Uerê-Mello cujo embrião estava na pesquisa desenvolvida com crianças nos países africanos.

São mais de 30 anos nos quais o projeto se firmou como Organização Não Governamental que atua em favor da proteção integral a crianças, voltada para prevenção de marginalização escolar e exclusão social e nos sintomas pós-traumáticos. Observando ao longo destes anos as dificuldades que crianças, Yvonne constatou a importância da ação do meio familiar e social sobre o desenvolvimento psíquico e sobre a formação da personalidade, embora não seja a questão principal para o desenvolvimento escolar do aluno. A principal barreira de aprendizado que uma criança traumatizada enfrenta é a de não conseguir construir conhecimento prévio e armazenamento memnônico. P Segunda a pedagogia Uerê as duas principais atividades cerebrais no aprendizado são a imaginação e a associação, que juntas são responsáveis pela composição da memória. A imaginação é o trabalho de imagem e sentidos que mantenham a mem´roia viva, e a associação é a relação com alguma coisa que já conhecemos.

Para a pesquisadora, crianças com bloqueios emocionais não arquivam nem descartam informações, ou seja, não desenvolvem bem a plasticidade cerebral. Por isso, as informações não se transformam em estímulos para o cérebro e nem circulam pelo córtex cerebral antes de serem arquivadas ou descartadas. Investir na construção da memória do que está sendo aprendido é um desafio para educadores que trabalham com crianças e jovens traumatizados, mas a pesquisadora descobriu na prática que é possível alimentar a “memória longa” por meio de exercícios orais, levando em conta que o ser humano guarda na memória apenas as informações sobre as quais se sente estimulado a refletir sobre. Os exercícios orais e lúdicos aliados ao desenvolvimento de uma relação de confiança e afeto com os educadores são a base da pedagogia Uerê-

-Mello, além disso valoriza a participação das crianças e procura reduzir o tempo em sala de aula e trabalhar a atenção e o foco das crianças dividindo o tempo de aula para fazer exposição de conteúdo em no máximo 15 minutos.

Para isso, é necessária uma formação específica dos educadores que atualmente têm como local de trabalho o Complexo da Maré: eles precisam ter boa formação para absorverem a nova forma de ensino e de avaliação dos alunos, mas também maturidade para compreenderem o território no qual estão trabalhando, que reúne 17 comunidades onde moram cerca de 140 mil pessoas. O Complexo da Maré é uma região de conflito no Rio de Janeiro – que há anos vive a divisão territorial de duas das principais facções de droga do Rio; Comando Vermelho (CV) e Terceiro Comando Puro (TCP) – e as escolas recebem crianças vítimas tanto de violência armada como de violência doméstica. Considerando a intrincada disputa territorial acentuada pela geografia da comunidade – cortada por algumas das principais vias de circulação da cidade, entre elas a Avenida Brasil, a Linha Vermelha e a Linha Amarela, e delimitada pela baía de Guanabara – é um desafio encontrar voluntários que não tenham medo e que tenham respeito às particularidades do ambiente no qual a ONG está inserida.

A persistência em adaptar o currículo tradicional às necessidades e vivências destas crianças continua sendo o foco da pedagogia Uerê-Mello nos últimos trinta anos, mesmo com as mudanças trazidas pela explosão do uso das tecnologias digitais de informação, que acabaram por se tornar o principal concorrente da atenção e foco de crianças e adolescentes. A memorização também foi afetada pelo uso prolongado do computador, dispositivos móveis e a velocidade e volume de informações recebidos e trocados diariamente. A memória longa também é formada pelos materiais que estas crianças e jovens guardam no HD do computador, na memória do celular ou na nuvem, mas esta este é um desafio que crianças de várias classes sociais e territórios vem enfrentando no aprendizado e a pedagogia Uerê-Mello também se adaptou às novas linguagens e

aos eventuais benefícios trazidos por elas. O maior deles é a proximidade com os interesses dos alunos.

Em 2024, a educadora Viviane Rolemberg contava 10 anos participando do projeto Uerê e destacava em matéria do site *Brasil Escola* o acompanhamento de alunos que chegaram ao local sem saber ler e escrever e desenvolveram a escrita num tempo entre 3 e 6 meses com o uso de técnicas e jogos orais. As crianças estão sempre fazendo ditado para aumentarem o vocabulário e redação, para aprimorarem a escrita. As avaliações são conduzidas para que os alunos reflitam sobre suas respostas. Aproximar-se das formas de linguagem cotidianas das crianças também é uma forma de estimular a memorização por meio do lúdico. “Viviane diz que [...] realizou um projeto no Tiktok com a sua turma do sexto ano para aprender a falar números em inglês e todos participaram” (*Brasil Escola*, 2024).

O material sobre o projeto Uerê recebe destaque também quando da criação do Programa Escolas do Amanhã, em 2009, que teve como objetivo absorver o aluno em tempo integral. A iniciativa da prefeitura do Rio de Janeiro contou com a parceria de empresas privadas e organizações não governamentais para a realização de atividades nas escolas e no contraturno. Em 2021, 12 anos depois, o município só tinha entregado 84 das 136 escolas prometidas e havia 21 unidades com as obras paradas. Mas o projeto-Uerê continuou dentro do Complexo da Maré mantendo um currículo que até hoje mescla as disciplinas tradicionais de português, matemáticas, história, geografia e idiomas relativas ao ensino formal com as oficinas de música, capoeira, canto, violino, futebol e informática. Saúde e Educação Ambiental não são temas transversais, mas matérias essenciais uma vez que a comunidade exige um comprometimento maior com estes saberes.

A formação de professores é feita pela idealizadora do projeto e por membros da equipe em cursos presenciais ministrados no Complexo da Maré e pelos livros da pedagogia Uerê-Mello. Os professores, segundo o documento criado por Yvonne em 2012, devem se capacitar levando em

conta: As causas mais comuns referentes a problemas de aprendizado; os processos cerebrais e disfunções no processo de aprendizado; conhecimento das funções cognitivas; processos a serem usados na sala de aula; avaliação cognitiva; mecanismos básicos sobre memória e atenção; estratégias e ações. (MELLO, 2012, p. 52)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

HISTÓRICO DO PROJETO

O projeto Uerê funciona a mais de 30 anos numa região de contornos conflituosos na cidade do Rio de Janeiro, o Complexo da Maré, formado por 17 comunidades e criado em 19 de janeiro de 1994 por meio da Lei Municipal nº 2.119. O impressionante conjunto de casas foi levantado estende-se paralelamente à pista da Avenida Brasil desde a Fundação Oswaldo Cruz, passando pelo Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro até chegar na Penha. Ao todo são 4,27 quilômetros quadrados de uma área que permanece marcada pela violência urbana nas guerras de tráfico de drogas representadas por duas importantes facções do Rio de Janeiro: Comando Vermelho (CV) e Terceiro Comando Puro (TCP).

Segundo o jornal *O Globo*, em 13 de maio de 2025, são mais de duas décadas que a “geografia criminal” da Maré é marcada pela disputa entre as duas facções. Mas no meio das ordens impostas pelos chefes do tráfico, a presença das milícias e a circulação de mercadorias ilegais – entre drogas e apostas – estão os moradores da comunidade e suas crianças e jovens. Frutos de um cotidiano tenso, violento e imprevisível, estas crianças crescem com uma realidade bem diferente das crianças de classes mais privilegiadas da sociedade e com uma exposição constante à traumas e violência: violência armada e violência doméstica.

O embrião do Projeto Uerê começou não antes, mas junto do assentamento da comunidade, quando a filóloga Yvonne Bezerra de Mello acompanhou algumas comunidades próximas à antiga estação de trens

Leopoldina a mudarem de espaço para o Complexo da Maré. As casas sobre palafitas começaram a despontar na região no período colonial, quando o lugar ainda era uma zona tomada pelos mangues e praias e onde ficavam localizados dois portos que escovam a produção das fazendas locais. Com a construção e inauguração da avenida Brasil em 1946, uma série de migrantes brasileiros – principalmente nordestinos – se mudaram para os arredores construindo suas casas até a ocupação da Maré chegar ao auge na década de 1970, chegando às águas da baía da Guanabara (SILVA, 2019). Na década seguinte, o Projeto Rio realizado pela prefeitura atuou na remoção dos moradores das palafitas e desmange das passarelas e dos denominados “barracos”. No lugar, foram colocados conjuntos habitacionais, mas a comunidade continuou a crescer e, com o passar do anos, ganhar mais espaço e sofrer mais com a violência.

Yvonne havia experimentado trabalhar com crianças em situação de rua nos bairros de Copacabana e Candelária. Com a mudança da comunidade de Coqueirinho para o Complexo da Maré, ela se estabeleceu no novo espaço em duas casas cedidas pela prefeitura, mas logo ampliou o espaço e criou a ONG Projeto Uerê. A pedagogia Uerê-Mello procura atuar nos bloqueios cognitivos e emocionais das crianças e jovens que vivem nesta comunidade. Yvonne explica:

A pedagogia vem sendo traçada desde os anos 70. Ela não toca em currículos, mas sim em como conseguir com que essas crianças aprendam. Com o tempo avançando, eu tive a ajuda da neurociência e da neuroeducação, que me permitiram entender o cérebro, os bloqueios e as sinapses. Eu tracei um método que contempla cerca de 10 inteligências e faz com que as aulas sejam lúdicas e que as crianças sejam felizes naquele espaço (2023, s/p).

Uerê é uma palavra de origem Iorubá que significa criança, espírito de infância, Yvonne uniu esta palavra a uma partícula do hebrico antigo que significa luz, segundo ela Uerê é “crianças de luz”. E o cerne da pedagogia envolvida no projeto está no desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças. O desbloqueio dos traumas dessas crianças é feito por meio da

linguagem e da oralização do aprendizado, a formação em filologia fez com a educadora percebesse nas pesquisas que começaram nos países africanos em conflito que as crianças vítimas de trauma apresentavam pouca variedade de vocabulário: ditado e redação são a base do que é trabalhado com os alunos para a aquisição de vocabulário. E o processo de ensino é 70% oral, para que o aluno comece a escrever só depois que começar a entender realmente o significado das palavras.

Neste processo, o protagonismo do aluno é importante no sentido de promover autoestima e confiança. Uma das atividades importantes nas salas de aula é o “Aluno-Professor”, uma forma de dar voz às crianças e realizar a metodologia ativa de sala de aula invertida. No começo do ano os alunos escolhem que aula gostariam de dar par a turma e esta atividade de troca de papéis com o professor mostra ao aluno a responsabilidade de estar à frente de uma turma, na sala de aula e com o objetivo fazer circular o aprendizado. Yvonne acredita que a experiência coloca o aluno numa posição de liderança, faz com que ele estude e pesquise para elaborar sua aula, aumenta sua capacidade de interação com a turma, ajuda a trabalhar tanto o aluno com a barreira da timidez, como o aluno hiperativo e desenvolve nele o ponto de vista do professor, fazendo-o se colocar no lugar do outro (MELLO, 2016, p.87). Mas estas crianças aprendem também a realizar atividades coletivas de dança, coral, artes e esportes que fazem com que elas desenvolvam o senso de grupo e colaboração.

A base dos planos de aula quase sempre é simples, com muita interação e dinâmica nas turmas antes de começarem qualquer exercício escrito. Os exercícios orais propostos diariamente são específicos para a parte de reabilitação cognitiva, corporal, emocional e comportamental. Alguns princípios para a implementação da metodologia Uerê-Mello são a relação em sala de aula com o tempo, o espaço e a interação. A ideia de que as explicações não podem durar mais do que 15 minutos, tempo em que é possível reter a atenção da criança e fazer com que ela seja capaz de memorizar o conteúdo e, aos poucos guardá-lo na “memória longa”. O espaço é o desdobramento do espaço com o uso das tecnologias e mate-

rial audiovisual para flexibilizar a explicação das matérias, mas os jogos e brincadeiras também são bem-vindos para que as crianças explorem o domínio psicomotor de maneira lúdica. Também é importante a interação: os trabalhos em grupo, as pesquisas e a dinâmica “Aluno-Professor”, que incrementam o senso de parceria e colaboração, importante nestas comunidades.

O importante é criar uma rotina de exercícios e atividades que acolha estas crianças e jovens, que faça com que desenvolvam confiança em seus educadores e colegas e que mitigue a questão do abandono escolar em comunidades nas quais a violência, o trabalho precoce e os maus tratos das crianças são elementos que os afastam da escola. Como explica a educadora Viviane Rolemberg, graduada em pedagogia pela UERJ e especialista em História da África também pela UERJ:

Eu já trabalhei em outras escolas, nunca vi as crianças irem com tanta vontade para outros lugares como elas tem para ir ao projeto. Eles gostam de estar aqui e eu acredito que seja por conta da pedagogia Uerê mesmo, porque é uma pedagogia diferenciada da escola, não é aquele negócio de cópia, de estar sentado com livro o tempo inteiro (Brasil Escola, 2024, s/p)

Yvonne descobriu em suas pesquisas que o ideal é o cérebro da criança se exercitar antes de se expor aos diferentes conteúdos escolares. Com este objetivo, ela divide a metodologia em doze momentos de aprendizado, começando com exercícios que estimulam a plasticidade cerebral e, portanto, a abertura das crianças para receberem e absorverem guardando na memória as informações que serão importantes para seu aprendizado. Os seis primeiros momentos, ela considera essenciais e devem ser feitos todos os dias na sala de aula até pelo menos o quinto ano. São eles (BARCELLOS, 2011, p.23-27): momento 1: a entrada em sala de aula, uma recepção calorosa e acolhedora do educador; momento 2: conversação I, II e III, uma troca de experiências e relatos do dia dos alunos e do professor; momento 3: relaxamento e ginástica; respectivamente relaxar os músculos e ativar a energia corporal; momento 4: exercícios

em diferentes idiomas (francês, inglês, espanhol, pataxó, iorubá), exercitando, percepção, memória e audição; momento 5: planejamento do dia, em que as crianças e professor escrevem juntos os conteúdos e o organograma da aula; momento 6: exercícios orais de plasticidade cerebral e velocidade da memória, usando palavras e números e a combinação destes dois elementos

Logo em seguida começam as aulas extracurriculares de dança, música, artes e capoeira. Estas têm a duração de 35 a 40 minutos que fazem parte do momento 7. Até chegar ao momento 8 no qual os alunos aprendem novos conteúdos e de novo o reforço é que a abordagem seja na forma oral, com o educador contando uma história. No momento 9 as crianças fazem os trabalhos escolares, porque geralmente o trabalho de casa se torna difícil para crianças que vivem em zonas de risco e porque a maioria delas não conta com um adulto disponível e qualificado para acompanhar nas tarefas de casa. O momento 10 é o de jogos e brincadeiras, nas salas de aulas existe um espaço para os brinquedos e livros e é importante que crianças que não têm esta experiência em casa por falta de recursos, é também o espaço para a socialização das crianças.

Nos dois últimos momentos 11 e 12, as crianças são convidadas a arrumar a sala e a se prepararam para a saída. Na arrumação elas aprendem a importância de preservar o espaço e da conservação patrimonial, é o momento que de se apropriar da escola, entender que ela é um espaço de cuidado, trocas, amizades e uma espécie de lar.

Ao observar a pedagogia Uerê-Mello vemos como se mesclam em turno integral os três domínios de aprendizado: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor. Cada uma das atividades propostas em sala de aula procura estimular uma ou mais dessas dimensões de aprendizagem. O tempo dedicado a cada um dos aprendizados ou tarefas é curto, mas a ideia é tornar o aluno capaz de construir um conhecimento prévio para que possa fazer um link com ele e, a partir daí, aprender mais e guardar o aprendizado na memória. É o que Yvonne denomina de “desenvolvimento da velocidade cerebral”: “O cérebro não aprende se ele não tiver um link. Então, não

adianta você falar de uma coisa que, na memória longa daqueles alunos é um conhecimento não existe” (Brasil Escola, 2024, s/p).

A rotina que se estabelece com a divisão em momentos tem os seus objetivos, que é estimular a habilidade oral por meio da conversação dirigida e ampliação do vocabulário, trabalhar a concentração e o foco intencional, desenvolver a conscientização corporal, estimular a plasticidade cerebral, treinar a velocidade e a vivacidade e chegar ao essencial da pedagogia Uerê-Mello que é aumentar a memória longa. Mais do que isso, criar experiências mais positivas de memória afetiva e desenvolver uma memória dos conhecimentos adquiridos no contato em sala de aula.

A proposta de trabalhar os três domínios de conhecimento é utilizada em outras metodologias de ensino, geralmente porque cada criança tem uma forma específica de absorver conhecimento. A educação tradicional costuma destacar mais o desenvolvimento cognitivo, entretanto o foco no domínio de aprendizagem emocional é imperioso para crianças que crescem com medo, falta de confiança e autoestima. “projeto visa educar emocionalmente e socialmente, preparando estas crianças para melhor enfrentarem os desafios do presente e do futuro” (Barcellos, 2011, p. 11). Fortalecidas internamente, elas se tornam capazes de procurar transformar a realidade na qual vivem ou de imaginarem uma forma de crescerem, aprenderem e se desenvolverem apesar dos traumas vivenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Ferraz e Bertholt (2010, p, 424), as características do domínio afetivo são aquelas relacionadas aos sentimentos e à postura; envolvem categorias ligadas ao desenvolvimento da área emocional e afetiva; incluem comportamento, atitude, responsabilidade, respeito, emoção e valores; possui categorias que precisam ser totalmente desenvolvidas para que a pessoa possa aceder a uma nova categoria. E as categorias relacionadas ao domínio ou dimensão afetiva da aprendizagem são: receptividade; resposta; valorização; organização e caracterização.

As barreiras emocionais que estas crianças que vivem em zonas de conflito apresentam, terminam por bloquear seu aprendizado e o desbloqueio é feito com um trabalho que costura os fios do cognitivo, emocional e psicomotor. O que Yvonne chama de “aprender para viver” e que a metodologia do projeto Uerê transforma em “viver para aprender” é uma maneira de transformar a educação em sobrevivência dentro dos territórios arriscados nos quais estas crianças e jovens vivem.

Uma vez que a rotina de violência na comunidade e em casa bloqueia o sistema cognitivo de aprendizado destas crianças, que chegam à escola em idade avançada com enormes déficits de aprendizado, cabe aos educadores criarem uma rotina de acolhimento, aprendizado, brincadeira e desenvolvimento para estas crianças. É na escola que elas vão redimensionar as questões de tempo e espaço; os momentos de aprender, de brincar, de se exercitar, de compartilhar e de estudar. A construção desta estrutura, que não encontram dentro de casa, é fundamental para que possam entender a importância do conhecimento para um caminho futuro possível.

As escolas que implementam a pedagogia Uerê-Mello costumam ter como diretrizes uma gestão participativa, o protagonismo e envolvimento dos alunos, o esforço para a criação de um ambiente escolar no qual a criança se sinta segura, a organização, que auxilia na organização interna de postura, pensamento e atuação das crianças. O projeto Uerê recebeu o prêmio da União Europeia e a pedagogia Uerê-Mello já foi considerada pela Unicef uma das seis melhores do mundo para ajudar crianças em situação de conflito. Atualmente o projeto passou por 13 países além do Brasil, incluindo Itália, Alemanha, Índia e Ruanda, e alcançou 60 mil alunos.

A persistência de Yvonne em ajudar estas crianças vem de uma história de vida de alguém que sempre se importou em acolher e ensinar crianças que se viam em situações de violência e risco quase impermeáveis à possibilidade de aprender. Começou com trabalhos voluntários desde jovem, ensinou crianças que moravam embaixo dos movimentados viadutos cariocas a ler e escrever, acompanhou crianças de países africanos que

tentavam sobreviver (e aprender) no meio dos conflitos. Estudou e pesquisou o que intimidava o aprendizado e o desenvolvimento destas crianças e procurou criar uma metodologia de excelência para que nada faltasse (e falte) a elas na caminhada da transformação do saber em conhecimento.

Com as devidas adaptações e não sem desafios, o projeto Uerê atravessou três décadas dentro do Complexo da Maré e percorrendo o mundo. Os novos desafios impostos ao sistema educacional foram absorvidos por Yvonne que incluiu a possibilidade de as crianças desenvolverem habilidades em contato com tecnologias como programas Paint, Paint3d, Typing Master, Excel, PowerPoint, Filmora, Programador Front End, Programador Back End, Montagem e Manutenção de Informática. E também os jogos educativos Minecraft, Subway Surf, Silabando, Arie, Realidade Virtual entre outros.

O objetivo da filóloga de dar às crianças um outro olhar para a vida que não seja pelas lentes da violência vem sendo perseguido com avanços e recuos, reconhecimentos e dificuldades, mas com uma postura de caminhar sempre na direção de abrir as portas da escola como o espaço de encontro, acolhimento e aprendizado. Uma escola que, mesmo que tenha começado sem portas ou janelas, reconstrói no cotidiano o espaço no qual estas crianças podem aprender a estudar, brincar e sonhar.

REFERÊNCIAS

A MULHER que dedica a vida a ensinar crianças marcadas pela violência. **Observatório do Terceiro Setor**, São Paulo, 29 abri. 2013. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/a-mulher-que-dedica-a-vida-a-ensinar-criancas-marcadas-pela-violencia/>. Acesso em: 10 set. 2025.

BARCELLOS, Viviane Pereira. **Violência urbana e formação de professores de música: o caso do Projeto Uerê como “Influência positiva”**. 2011. TCC (Graduação em música) – Centro de Letras e Artes Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FERRAZ, A. P. C. M.; BELHOT, R. V. **Taxonomia de Bloom**: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *In.*: Gestão & Produção [online]., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3Nok2Qh>. Acesso em: 10 set.2025.

MELLO, Yvonne Bezerra de. **Aprender para viver | viver para aprender**: ensino diferenciado para bloqueios cognitivos. Pedagogia Uerê-Mello. Rio de Janeiro: Yvonne Bezerra de Mello (YBM), 2010.

MELLO, Yvonne Bezerra de. **Ensinando com o cérebro em mente**. Pedagogia Uerê-Mello.[PDF] Rio de Janeiro: Palestra ministrada na SEARJ, 2016. Disponível em: <https://searj.org.br/palestras/2017/Abril/Pedagogia%20U-M%202016.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2025.

MORENO, Ana Carolina. Brasil cai em ranking mundial de educação em matemática e ciências; e fica estagnado em leitura. Rio de Janeiro: **G1**, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-matematica-e-ciencias-e-fica-estagnado-em-leitura.ghtml> Acesso em: 3 nov. 2025.

SILVA, Claudia Rose Ribeiro da. Complexo da Maré. *In.*: **Dicionário de favelas Marielle Franco**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2019. s/p. Disponível em: https://wiki-favelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9. Acesso em: 05 out. 2025.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.